

TECNOLOGIA ■ EMPRESAS DE TI DO PARANÁ PROCURAM ESPECIALISTAS

MUITAS VAGAS E POUCA QUALIFICAÇÃO

O MERCADO DE TRABALHO EM TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (TI) DEVE ABSORVER MUITA MÃO-DE-OBRA NO FUTURO. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a demanda por profissionais no setor, que atualmente é de 40 mil pessoas, deve chegar a 100 mil até 2010.

A consultoria IDC Brasil estima que o investimento em TI deve subir dos R\$ 39 bilhões gastos em 2006 para R\$ 45 bilhões neste ano, um aumento de 15%. O Paraná figura com destaque na previsão, por conta de incentivos fiscais promovidos pelos municípios.

Mas, em geral, falta qualificação ou prática aos profissionais, o que aumenta as chances de contratação e a remuneração para quem é melhor capacitado. A maior dificuldade da fabricante de soluções em automação Bematech, de São José dos Pinhais (na região metropolitana de Curitiba), é encontrar pessoas qualificadas para trabalhar com pesquisa e desenvolvimento. Hoje são 40 funcionários nessa área, entre diretos e terceirizados, em funções de analista, especialista e coordenador. Além de hardware e software, a empresa trabalha com firmware – software embarcado em aparelhos eletrônicos.

De acordo com Catarina Guerra, gerente de recursos humanos da Bematech, a empresa privilegia quem já é funcionário para ocupar novas vagas, realizando treinamentos. "Se não houver alguém no perfil, procuramos no mercado de Curitiba, e não é incomum buscarmos alguém em São Paulo", diz.

Isso não ocorre por falta das universidades e faculdades locais, que considera boas. "A questão não é a formação, e sim a falta de experiência profissional." Foi assim no processo de abertura de capital da empresa, quando um profissional de relações com investidores foi trazido de fora.

A empresa procura dois grupos de profissionais: engenheiros (de eletrônica, elétrica e mecânica) e analistas de sistemas, para trabalhar na busca de tecnologia para novos produtos. Entre eles, os mais difíceis de achar são engenheiros de eletrônica e elétrica com experiência. "Às vezes a pessoa até tem doutorado, mas nunca trabalhou com produto semelhante", conta a consultora de Recursos Humanos Cláudia Quezada.

As impressoras fiscais da Bematech surgiram como um produto inovador, razão pela qual, segundo a empresa, possuem tecnologia mais avançada que a dos concorrentes. "Quando encontramos um profissional especializado, ele é bastante caro. Mas pagamos o preço", diz Cláudia.

A área de TI do Wal-Mart também desenvolve os profissionais que já possui por meio de cursos internos e externos e estimulando a formação específica. "Constatamos que alguns cursos acadêmicos estão defasados em relação à prática, com um número muito superior de aulas teóricas em relação ao número de aulas práticas, e com defasagem tecnológica nos laboratórios", explica o diretor de Capital Humano da rede, Marcos Peixinho.

Para ele, o mercado curitibano é bom, mas as faculdades poderiam ajudar a atrair empresas de tecnologia, com a criação de pólos tecnológicos integrados a empresas do segmento de TI.

Pela defasagem das faculdades e rápida evolução da informática, o diretor técnico do Instituto Curitiba de Informática (ICI), Renato Rodrigues, aponta um "vazio de qualificação" na cidade. No ICI, a carência é maior para funções de



Adriano Robles: tecnologia é vasta e envolve telecomunicações e outros processos.

LÍNGUA ESTRANGEIRA

Área exige inglês fluente e experiência

Jacques Depocas, presidente do GLT [sigla em inglês que nomeia o centro de tecnologia] do HSBC, diz que o jovem brasileiro estuda inglês por vários anos mas em geral tem pouca experiência prática. Por isso, seus funcionários são incentivados a conversar no idioma em reuniões internas e até mesmo nas mensagens de e-mail.

Passando por esse treinamento intensivo, o inglês dos brasileiros do GLT é considerado melhor que o dos indianos que trabalham na mesma empresa. Apesar de ser uma das línguas oficiais da Índia, onde o GLT tem 4,2 mil funcionários, o sotaque deles é considerado difícil para americanos, de acordo com Depocas.

"Outro diferencial de quem trabalha com serviços em TI é a experiência profissional e iniciativa. Um jovem de 23 anos no Brasil em geral tem 5 anos de experiência, enquanto os indianos estão começando a trabalhar com essa idade", avalia. (HC)

analista de sistemas com especialização em tecnologia .net, java e software livre. "Procuramos pessoas especializadas em engenharia de software que dominem metodologias de trabalho", diz.

Quando abre uma vaga desse tipo, o ICI leva de 60 a 90 dias para preenchê-la. "Hoje temos entre 10 e 15 vagas abertas, mas o número aumenta a cada mês", diz. Para procurar profissionais, Rodrigues usa sites que distribuem currículos e aborda empresas com profissionais desse perfil. A faixa salarial para programadores vai de R\$ 1,8 mil a R\$ 2,8 mil, e para analistas, de R\$ 3 mil a R\$ 4 mil.

A tendência é que o mercado no setor de TI continue aquecido. Em Curitiba, o benefício do ISS Tecnológico – programa de redução de tributos para empresas de tecnologia que se instalam na região – é um estímulo a mais, cuja utilização deve ser ampliada com a vinda de novas empresas para o Tecnoparque, projeto de pólo de tecnologia idealizado pela prefeitura. Recentemente, a iniciativa atraiu a indiana Wipro, que adquiriu a Enabler e pretende contratar mais de mil trabalhadores a médio prazo.

→ **Serviço:** Currículos para o Instituto Curitiba de Informática devem ser cadastrados no site www.ici.curitiba.org.br.

Curso facilita acesso a mercado

Um nicho que tem se mostrado muito atraente na área de TI é o de especialistas em servidores (mainframes), que empregadores dizem ser difíceis de encontrar. O país é o sexto que mais adquire servidores no mundo e está entre os três primeiros colocados quando o assunto é oportunidade para fornecedores e prestadores de serviços deste mercado, de acordo com a consultoria IDC Brasil. Empresas que usam servidores de grande potência no Paraná são Sanepar, Copel, Volvo, Celear e o banco HSBC e seu centro de tecnologia. Só que não há muita mão-de-obra disponível para mexer nessas máquinas.

Para Hélcio Tessaro, diretor de recursos humanos do Centro Global de Tecnologia do HSBC (GLT, na sigla em inglês), as universidades tiraram dos currículos dos cursos de informática as linguagens que os servidores usam, como Cobol e WebSphere. "A demanda é grande: todos os bancos, empresas de telecomunicações e governamentais precisam desses profissionais."

O GLT foi instalado em Curitiba no ano passado, para atender agências do HSBC nos Estados Unidos e Canadá, e já contratou 200 pessoas. "De 30% a 40% dos contratados irão trabalhar com mainframes", diz. A próxima remessa

de contratados, segundo o presidente do HSBC GLT no Brasil, Jacques Depocas, deve sair ainda neste mês, quando serão abertas 15 vagas. Nos próximos meses, mais 50 pessoas devem ser chamadas. "Devemos alcançar mil funcionários, mas não posso prever quando."

Como a oferta de trabalhadores está em baixa, o valor deles no mercado tende a subir. Segundo Tessaro, um especialista em servidores geralmente ganha 20% a mais do que outro profissional da área de TI. Carlos Oliveira, do Grupo Américas, que presta serviços para multinacionais, diz que existem jovens ganhando até R\$ 15 mil em empresas como IBM, em São Paulo. "São pessoas que aprenderam sozinhas, fuçando na internet por interesse próprio, porque as universidades não estão formando nessa área."

O analista sênior Adriano Robles confirma que aprender a trabalhar com servidores não é simples. "É difícil se acostuma, mas depois a gente se acostuma. A tecnologia é muito vasta, envolve telecomunicações e outros processos, e toda a parte

“

"Devemos alcançar o número de mil empregados em Curitiba. São funcionários cujo valor de mercado tende a subir."

Jacques Depocas, presidente do GLT do HSBC

que efetiva uma transação financeira é bem complexa", diz.

Os equipamentos servidores são importantes para as grandes corporações de serviços porque controlam um enorme volume de dados. Mesmo assim, eles usam códigos antigos, como o Cobol, criado em 1959, e exigem o conhecimento de inglês – ambas qualificações que Robles tem há 15 anos. O analista começou no antigo Banestado (adquirido pelo Itaú) e agora é funcionário do GLT do HSBC. "A oferta de emprego está bastante grande e a mão-de-obra escassa, principalmente devido ao inglês e porque as universidades preferem dar formação em internet."

Como as empresas não encontram profissionais para cuidar de seus mainframes, elas estão preparando cursos para formar mão-de-obra. Este ano, o HSBC e a IBM montaram uma série de treinamentos para suprir essa demanda.

Em Curitiba, as aulas começam amanhã, no Estação Business School. A duração total é de 100 horas. O custo é de uma matrícula de R\$ 150 mais sete parcelas de R\$ 476. Para participar é preciso ter nível superior na área de exatas ou humanas, já que qualquer pessoa que tenha afinidade com informática pode fazer os cursos básicos. "Os nichos em que falta mão de obra incluem analista de suporte, desenvolvimento e produção. Posso garantir que o profissional treinado terá mais oportunidades no mercado", diz o gerente de estratégias para mainframes da IBM, Paulo Perini. A multinacional norte-americana tem 2,2 mil inscritos no Brasil em um concurso de habilidade em programação de servidores promovido pela empresa.

→ **Serviço:** Informações sobre o curso no Estação Business School em www.americas.com.br/ibm_hsbc.html.